

---

## MAIS VOZES PARA O CORO: A *QUIEN CORRESPONDA*, DE MARTÍN CAPARRÓS

Máximo Heleno Rodrigues Lustosa da Costa  
Orientadora: Lívia Maria de Freitas Reis Teixeira  
Doutorando

### RESUMO

O argentino Martín Caparrós oferece, em seu livro *A quien corresponda* (2008), mais uma voz ao coro que compõe o amálgama de história oficial, testemunhos, revisões e as realizações literárias, imbricações que problematizam a estabilidade do conceito de História, sobretudo quando tematizam acerca das memórias da última ditadura militar daquele país. Carlos, o protagonista, militou em grupos da esquerda durante o regime ditatorial e, 30 anos depois, está ciente de que fez parte da “generación más fracasada de esta larga historia de fracasos que es La historia argentina” (Caparrós, p. 25, 2008). Passando por uma reflexão a respeito da incapacidade da linguagem para contemplar toda a dimensão da experiência, “La tortura es una forma barata de llamarlo: gentileza hacia el lector o el interlocutor, una manera de la deferencia o de la cobardía – una agachada” (Caparrós, p. 26, 2008), Caparrós, sem meias palavras desenvolve uma leitura que não poupa ninguém, principalmente o povo argentino. O próprio título do livro funciona como uma acusação que, na linguagem popular, poderia ser traduzido como “para quem sirva a carapuça”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura pós-ditatorial, ditadura militar, Argentina.

## Introdução

Em seu *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*, o professor Idelber Avelar propõe o conceito literatura pós-ditatorial para as ficções que tematizam a ditadura militar em países da América Latina, sobretudo Brasil, Argentina e Chile. Segundo Avelar, “a ditadura põe em cena um devir-alegoria do símbolo” (AVELAR, p. 20, 2003), as ficções, que “deixam entrever a petrificação da história característica da alegoria” (AVELAR, p. 25, 2003). A experiência da derrota se transfigura em alegoria da derrota, materializada nas narrativas que avalia no livro. Escreve:

“Por baixo da alegorização da história – sua petrificação, sua coagulação como mônada – podia-se vislumbrar o grandioso fluxo de um devir que procedia ciclicamente. Isto equivale a dizer que a aceitação da derrota era, naqueles textos, parcial e contraditória: ao mesmo tempo que faziam inelutável a experiência da derrota (ao retratar, em toda sua irredutibilidade, a desolação da catástrofe), amorteciam-na sob a grandiosa narrativa de ascensões e descidas própria do símbolo. (AVELAR, p. 26, 2003)

Nessa “mônada coagulada” ressoa a ideia de temporalidade de Josefina Ludmer, que seria esse fragmento de tempo, “coágulos de tempo”, que explodem em narrativas. Textualmente, escreve a professora: “As formas de narrativas são formas de tempo.” (LUDMER, p. 37, 2013). Ou seja, um tempo que se multiplica para além de si mesmo em diversas narrativas que presentificam o passado traumático, no caso, das ditaduras, em um processo de reelaboração, de tratamento, que, se não fornece a cura, permite uma atenuação através da supressão do silêncio, através do atendimento à necessidade de contar.

Neste sentido, avaliaremos aqui o contundente romance *A quien corresponda* (2008), do argentino Martín Caparrós, observando seu alinhamento dentro da perspectiva de literatura pós-ditatorial e a posição da voz narrativa dentro deste novo coro de escritores que retomam insistentemente esta temática, quando os anos que nos separam daqueles tempos já ultrapassam os 30 anos.

## A trama detetivesca

O primeiro capítulo dá notícia do assassinato do padre Augusto Fiorello, na tranquila cidade de Tres Perdices. Este teve, durante a ditadura militar argentina, a missão de aliviar as mentes nos momentos difíceis e de reconfortar e fortalecer os homens em tais horas, inspirando-os coragem para o exercício de dever. A narrativa

então é um romance policial, no sentido de que um crime é apresentado e seu enredo consiste em desvendar como e o porquê.

O segundo capítulo apresenta Carlos, ou Colorado, ou Galego, que lutou nas forças da esquerda contra a ditadura militar argentina e, algumas décadas depois, vive em profundas discussões com o fantasma de Estela, uma namorada, também guerrilheira, capturada e morta pelos militares, e que, possivelmente, estava grávida. Além de falar com o fantasma imaginário de sua mulher, Carlos costuma se encontrar com Juanjo, um ex-companheiro de luta, que agora é ministro do governo, e está muito “bem de vida”. Neste sentido, Juanjo o convida várias vezes para que também entre no governo e, diante das negativas, declara: “Colo, no seas boludo. Están todos, metete vos también. Es como em nuestros tiempos, sólo que más tranquilo y se puede hacer cosas...” (CAPARRÓS, p.16, 2008); ao que, já indignado, Carlos contesta: “Disculpame La barbaridad, pero: ¿cómo hacés para no considerarte un completo fracaso?” (CAPARRÓS, p.17, 2008).

Carlos está profundamente decepcionado com sua luta e acredita fazer parte daquilo que constitui a geração mais fracassada da longa história de fracassos da Argentina e, depois de verificar os dados de antes da ditadura e da atualidade, percebe que eles não só não conseguiram criar uma sociedade mais justa como possibilitaram que ficasse ainda pior. E pergunta a Juanjo: “¿Te imaginas alguna forma más contundente del fracaso?” (CAPARRÓS, p.24, 2008).

Carlos se relaciona com uma mulher bem mais jovem, Valeria, que servirá como contraponto entre a geração idealista, da qual ele fez parte, e a dela, que não se interessa por política e não tem sonhos de plena justiça, igualdade, harmonia, enfim, de uma certa forma de totalidade que faria parte do ideário daqueles jovens que lutaram contra a ditadura militar. Quando, interessada por sua história, ela lhe enche de perguntas cujas respostas lhe parecem inconsistentes, Carlos reflete: “¿Cómo podía explicarle estas cosas a alguien que ni siquiera había nacido em esos días y que era, desde todo punto de vista, un producto de la cultura que aquella derrota generó?” (CAPARRÓS, p. 72, 2008). Essa geração sem certezas profundas, sem grandes esperanças, pode, porém, levantar questões que o dia a dia, e mesmo a necessidade de acreditar, pretere: “\_O sea que ustedes mataban sin querer, sacrificándolo, y en cambio ellos los mataban a ustedes por pura maldad. Cuando ustedes mataban héroes; cuando morían también, y los que los mataban eran La encarnación del mal.” (CAPARRÓS, p. 70, 2008).

Para completar a trama, Carlos fará uns exames médicos e descobrirá que tem pouco tempo de vida: “El médico me había dicho ló siento, el suyo es un mal del que no sabemos casi nada.” (CAPARRÓS, p. 53, 2008). Reflete: “Me había dicho que yo portaba un mal; me había dicho que el Mal por fín estaba em mí. Por fín me había curado.” (CAPARRÓS, p. 54, 2008). A doença é também sua libertação. Finalmente, o Mal, com maiúscula, lhe pertencia e, em decorrência, a proximidade do extermínio leva-o a avaliar a própria vida e a buscar algo que justificasse sua existência, uma vez que a luta romântica dos bons contra os maus se mostrou insuficiente. Estimulado de forma sub-reptícia por Juanjo, que desconhece a enfermidade do amigo, Carlos concluirá que seria necessário algum tipo de vingança a fim de reparar as perdas dos tempos duros: “Pero la idea de venganza sirve para postular que hay cosas que no se agota nen si mismas: que algo que pasó hace tantos años – que pasó – sigue exigiendo de mí certa respuesta, decisiones, una acción: siguesiendo eficiente.” (CAPARRÓS, p. 127, 2008). Então, constrói uma escala de valores em cujo topo coloca o padre Fiorello, sobre o qual ouvirá: “Le digo, el padre Fiorello era un convencido de La santidad de todo lo que estábamos haciendo, y a nosotros nos ayudaba mucho que hubiera gente así.” (CAPARRÓS, p. 129, 2008).

Por fim, para completar o quadro detetivesco, surge o comissário Mario Giulotti que, buscando uma reabilitação que o faça crescer na profissão, investigará o assassinato que trouxe, afinal, alguma notoriedade para a pequena cidade de Tres Perdices. Leitor voraz de romances policiais, Giulotti tinha aprendido que “la mejor manera de avanzaren un caso complicado consite em hacer creer a lós demás que uno sabe más de lo que sabe” (CAPARRÓS, p. 270, 2008), o que utiliza nos interrogatórios que vai operar para tentar descobrir o assassino: “\_Abrassi, si usted se calla no le digo que se este acusando solo, pero le passa raspando. Yo sé que usted sabe, pero necessito que usted me lo repita para poder confiar em usted, ¿me sigue?” (CAPARRÓS, p. 270, 2008).

**“Entrar como una vaca en el bazar de su memoria”<sup>1</sup> ou uma literatura um tom acima**

Em *A quien corresponda*, Martín Caparrós problematiza a estabilidade, montada através dos anos, que separou rebeldes heróis e militares vilões, introduzindo a fragilidade do discurso do guerrilheiro. Mais do que isso, Caparrós se permite uma literatura que se impõe com todas as palavras, sem eufemismos, “agachadas”, seu estilo nesta narrativa é o da contundência, o que se nota já no nome do romance ou no único capítulo que dedica a refletir diretamente sobre a deficiência da linguagem. As conjecturas deste capítulo concluem com algo ainda mais contundente:

que, em los últimos meses de su esfuerzo por salvar a su patria del demonio, algunos militares decidieron conservar diablitos vivos para mostrar, de un modo diferente, más absoluto todavía, su poder: que no sólo podían dar la muerte sino también la vida, que no sólo podían destruir a sus enemigos sino también convertirlos em otros, en amigos: que nada se resistía a su poder transformador. Para, además, justificarse ante algún recoveco de sus conciencias afligidas: cuando matábamos no matábamos porque queríamos sino porque no teníamos más remedio; ahora que sí podemos les dejamos la vida. Para, por último, asegurarse que alguien contaría sus hazañas y que esas hazañas servirían de ejemplo y advertencia: esto es lo que les pasa a los que dudan de nuestra potestad, de cuál es el lugar de cada uno. (CAPARRÓS, p. 33, 2008)<sup>2</sup>

Deste modo, a narrativa que surge é ainda uma mensagem, senão oferecida, possibilitada pelo ditador-torturador. O sobrevivente é ainda um meio de dar notícias do poder daqueles tempos, de modo que sua sobrevivência tem como centro os anos do terror: “digo todos aquellos años y no necesito precisarlos para que quede claro cuál ES son: es humillante como unos pocos años de mi vida se destacan tan nítidos del resto que me alcanza con decir aquellos años, es triste como esos pocos años la siguen definiendo todavía.” (CAPARRÓS, p. 41, 2008). Tais anos constituem um paradoxo na vida do sobrevivente: de um lado, estão associados ao sentimento de derrota, de perda, de humilhação; de outro, constituem a configuração de uma utopia totalizadora de um país mais justo: “Era fantástico poder vivir; no sobrevivir, no vegetar, no dejarse llevar por La corriente: vivir, hacer el mundo” (CAPARRÓS, p. 94, 2008). O ex-guerrilheiro

<sup>1</sup>CAPARRÓS, p. 21, 2008.

<sup>2</sup>Essa explosão de narrativas, após cada tragédia, ressoa a um fragmento da *Genealogia da moral*, de Nietzsche, quando fala sobre a besta louca que, de tempos em tempos, conseguem dar vazão a sua selvageria que depois canções para os poetas: “Ali disfrutaron a liberdade de toda coação social, na selva se recobre da tensão trazida por um longo cerceamento e confinamento na paz da comunidade, retornam à inocente consciência dos animais de rapina, como jubilosos monstros que deixam atrás de si, com ânimo elevado e equilíbrio interior, uma sucessão horrenda de assassínios, incêndios, violações e torturas, como se tudo não passasse de brincadeira de estudantes, convencidos de que mais uma vez os poetas muito terão para cantar e louvar.” (NIETZSCHE, 1887, p. 29)

tem nestes anos suas maiores alegrias e tristezas, daí que o restante de sua vida passa a ser um eterno remexer em suas memórias. Outra vez a ideia de vingança surge como a única saída: “Entendí: La venganza es una forma extrema Del recuerdo, el modo desesperado de avivar una huella que se borra.” (CAPARRÓS, p. 105, 2008). Prender-se à vingança é o modo de permanecer vivendo nos melhores anos de sua vida.

A reflexão entretanto não está concluída. Vingar-se após trinta anos parece ser também uma nova forma de reconhecer o fracasso e, portanto, de homenagear mais uma vez ao vencedor:

\_Ponele que vos vas y te vengás. Que descubrás a um torturador que se cargo a um compañero que querías y lo esperás detrás de um árbol a la entrada de su casa y levaciás um cargador. Ok, ¿qué hiciste? Nada, un gesto de desesperación. Um homenaje, incluso, te diría: veinte, treinta años después le decís que te importo tanto lo que hizo que te estás jugando la vida, todo lo que tenés, para contestarle de algún modo. Es humillante, Juan, es muy humillante. (CAPARRÓS, p. 84, 2008)

Para o protagonista, portanto, não há solução. A vingança é uma vingança sobre o nada. É, de certa forma, o último troféu que a vítima oferece ao vencedor. A vingança é o reconhecimento por parte do sobrevivente de que, nascido de novo, ele já não terá nada de mais relevante para falar que não seja a repetição de sua experiência e, como um último castigo, toda vez que o fizer, dará novas luzes ao poder do qual foi vítima. Neste sentido, aquela violência funcionará como força propulsora do que restar da vida e, logo, das narrativas daí originárias. O que, naturalmente, não agrada ao protagonista que, comparando os ocidentais aos japoneses, diz que, enquanto estes sofrem em fila, calados, sem choro e sem queixa, aqueles não se calam e só se lastimam. Nesta graduação, o argentino é a culminação do Ocidente. (CAPARRÓS, p. 81, 2008)

Carlos, “el más crítico de los compañeros de esos años” (CAPARRÓS, p. 73, 2008), o que não aceitou a oferta para entrar no governo e fazer a revolução possível, o que escuta seus amigos ex-combatentes, bem acomodados em uma vida pequeno-burguesa, pedirem que o governo faça alguma coisa, pois “te digo que tuve más peligro ahora e nestos años con la inseguridad que em los años de la militancia, loco, parece joda.” (CAPARRÓS, p. 162, 2008), é ele que, conversando com seu fantasma, pode fazer uma avaliação crua daquela geração sonhadora e, por último, apontar a fonte desses sonhos e também da derrota: a fé no povo argentino.

Perdimos, nos equivocamos tanto en tantas cosas. Es cierto que nos equivocamos com alguna grandeza: ambicionando grande, querendo cosas que valen la pena de ser queridas em serio, no cayendo del banquito sino de la azotea. La lista de los errores que cometimos llenaría horas y horas, Estela, y yo sé que vos la conocés de cabo a rabo. Pero ya es hora de que dejemos de

recorrer la lista y pongamos el título: Nuestro Espantoso Error fue Sobrestimar al Gran Pueblo Argentino Salud. (CAPARRÓS, p. 140, 2008)

A fé no povo argentino, a certeza de que ele saberia que “es mejortener una sociedade igualitária justa que una tele extrachata” (CAPARRÓS, p. 141, 2008), o que portanto ocasiona que “nos brindamos, nos convencimos de que lo que querían era un país donde brillara La justicia impoluta, La igualdad incontestable, La bandera orgullosa, lãs mismas oportunidades para todos, lós mismos cuidados y posibilidades para todos” (CAPARRÓS, p. 141, 2008). Então, quando as coisas começaram a se complicar, o grande povo argentino chama pelos militares ou qualquer um que pudessem oferecer um pouco de calma, televisão e, com sorte, duas refeições ao dia (CAPARRÓS, p. 141, 2008).

Sem nenhuma concessão, a narrativa segue nesse acerto de contas que constitui o fato de dizer tudo sem meias palavras. Se ao povo argentino como essa entidade máxima está destinada a acusação pelo fracasso do sonho, Carlos, mais uma vez discutindo com Juanjo, faz a avaliação dos sobreviventes e das subdivisões que este grupo tomou. O primeiro grupo é o dos familiares dos mortos, “son los que instauraron la ideia de La víctima como algo central em La escena política argentina” (CAPARRÓS, p. 82, 2008). “\_Sí, los que hicieron que em las últimas décadas acá la única forma de que te den bola, de legitimar tus reclamos, es conseguirte algún muerto que te avale. Parece que si no tenés algún muerto no podes ni salir a La calle” (CAPARRÓS, p. 82, 2008). Ter um morto, um desaparecido pela ditadura militar faz com que a voz dos descendentes se amplifique. “Esa potencia de lós muertos es el resultado de la política de lós derechos humanos” e, para sintetizar um mundo em que o mercado também captura a dor alheia, “ser víctima es mucho más rentable” (CAPARRÓS, p. 141, 2008). Depois está o grupo dos companheiros que se congraçaram nas indenizações, cargos nos governos e nas diversas e seguras tarefas do funcionalismo público que, para cúmulo, quase sempre presta um péssimo serviço àquele mesmo povo que, em outros tempos, quis salvar.

Para Carlos, os barulhentos derrotados passam a viver da renda da história de suas derrotas, o que é, para ele, uma situação inconciliável que culmina com o questionamento mesmo da aura angelical com a qual foi sendo construída a imagem estereotipada daqueles revolucionários, que foram convertidos “en chicos y chicas generosos ingênuos que queríamos mejorar el mundo; sí, es certo, pero queríamos mejorarlo con un revólver em la mano” (CAPARRÓS, p. 266, 2008). Então, os



sobreviventes roubaram a história daqueles jovens que morreram, uma vez que, se eles eram anjos, seus inimigos só poderiam ser os demônios. A conclusão natural é que, estando os demônios vivos e vencedores, era preciso algum tipo de indenização, era preciso que a sociedade arcara com alguma vantagem para aqueles que lutaram, e perderam, por um país mais justo, ainda que, como vimos, o resultado tenha sido bem pior. Essa versão é, portanto, mais uma vez, uma fantasia da história: “Nos inventaron como ángeles, pobres muchachos bien intencionados, mártires conejos, para poder robarnos nuestra historia.” (CAPARRÓS, p. 266, 2008). A história se simplifica, desta vez do lado guerrilheiro e de seus descendentes, a fim de atender demandas muito menos altruístas e mais particulares.

Assim, o protagonista nos faz ver que até aqui estamos inocentes, que se a destruição generalizada dos documentos daquela época e a repetição de uma história documentada pelos interesses dos ditadores montam a farsa oficial, a narrativa do outro lado, com seus heróis franciscanos e seu ideário de justiça social, também deriva por interesses mesquinhos e fantasiosos. Alguma coisa está além destas narrativas, tanto a oficial quanto as demais, que, para o protagonista, funciona para a diminuição daquilo que aqueles tempos representaram, daquilo que aquelas horas inspiraram. Não é de espantar, portanto, que, na última vez que conversa com o fantasma de Estela, pergunte: “¿No es espantoso que no tenga más remedio que decirte que moriste al pedo?” (CAPARRÓS, p. 208, 2008).

### **“Nosotros, que quisemos ser tantas cosas, terminamos siendo los desaparecidos”<sup>3</sup>**

Fernando J. Rosenberg, avaliando romances que tematizam a ditadura militar e foram escritos, traduzidos e até mesmo premiados no mercado internacional, postula que os direitos humanos são o discurso internacional, quer dizer, desde fora, que legitima tais narrativas e, por sua vez, são incentivadas por um interesse mercadológico sobre o assunto. Tal literatura constituiria, em alguns casos, a única possibilidade de acerto de contas e, em contrapartida, funcionaria como um meio de abrandamento de forças revolucionárias: “Estas novelas pueden estar confirmando el fin de la era de las revoluciones desde el lugar mismo en que la utopia revolucionaria se suponía preservada, pero desplazando la carga utópica hacia la agenda de los derechos

<sup>3</sup> Caparrós, p. 261, 2008.



humanos.” (ROSENBERG, p. 146, 2014). Ou seja, se nas décadas de sessenta e setenta, os jovens latino-americanos acreditavam ser os protagonistas das alterações que seus próprios países precisavam, considerando o doloroso resultado desta crença, a conquista possível agora, como a jovem Valeria de *A quien corresponda* simboliza, apresenta-se através dos direitos humanos – que procuram se firmar como um conjunto de direitos cabível a qualquer homem em qualquer lugar na Terra. Tais narrativas se inscrevem em um *corpus* que Rosenberg denominou “novela de verdad y reconciliación” e passa, conforme indica o segundo termo, pelas respectivas leis de anistia que, por sua vez, pressupõe, na medida do possível, esclarecimento e, quase sempre, não punição.

Está claro em nossa leitura que *A quien corresponda*, aqui apresentado, assim como *Dos veces junio*, de Martín Kohan, tema de nossa dissertação de mestrado (COSTA, 2014) e *K. Relato de una busca*, B. Kucinski, avaliado em outro artigo, encaixa-se no *corpus* proposto por Rosenberg. Estamos diante de desdobramentos discursivos dos relatos e ideários originários nas ditaduras militares, ampliando portanto o tecido narrativo que compõe o coro que nos chega daquelas temporalidades. Cada narrativa adensa a trama em um exercício que, se está inscrito no largo espectro contemporâneo de ficção, apresenta afinidades profundas com os fatos que estão disponíveis na documentação jornalística, jurídica e histórica sobre o assunto. Acrescem-se a isso, operações que desestabilizam a ideia de ficção. Por exemplo, entre as epígrafes do livro de Caparrós, está: “Este relato debería ser pura ficción. Sería fantástico.” (CAPARRÓS, p. 9, 2008); no livro de Kucinski, a advertência é semelhante: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu.” (KUCINSKI, p. 8, 2014).

O livro de Caparrós oferece ao leitor brasileiro, porém, um estranho reconhecimento nas situações observadas na Argentina dos anos 2000 pelo protagonista e a realidade do Brasil dos últimos anos. Neste sentido, a crueza de suas reflexões parece se encaixar perfeitamente nos desdobramentos que a política nacional brasileira seguiu a partir do fim do governo militar: os revolucionários daqueles tempos retornaram para solicitar o ressarcimento e os louros por sua derrota e, valendo-se desse passado como quem se vale de um tesouro, desenvolveram carreiras políticas bem sustentadas e/ou agregaram-se ao funcionalismo público pequeno-burguês que também, hoje, indigna-se com a violência a que está sujeita.

Outro aspecto interessante está presente no fato de que a necessidade de contar o que foram aqueles anos também existe no ex-torturador, no oficial da reserva ou no policial aposentado e alcoólatra, que se vale da busca de Carlos para conseguir bebida e narrar o que presenciou e executou. O que o protagonista identifica como o recurso da confissão religiosa. O ex-verdugo busca, de certa forma, oferecer alguma compensação tardia às vítimas e, assim, receber algum alívio para si mesmo. Claro que Carlos lhe nega esse consolo, como Caparrós nega ao leitor a posição confortável de estar do lado dos anjos.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Editora UFMG, 2003.

CAPARRÓS, Martín. *A quien corresponda*. 1ª. ed. Barcelona: Anagrama, 2008.

COSTA, Máximo. *DUAS VEZES JUNHO, MARTÍN KOHAN: UMA LEITURA*. 2014, 104 f. Dissertação. (Mestrado em Letras e Literatura Hispano-Americana) Universidade Federal Fluminense, Niterói.

KOHAN, Martín. *Dos vecesjunio*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002.

KUCINSKI, B. K. *relato de uma busca*. 1ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina*. Uma especulação. Juiz de Fora: EDUFMG, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral* (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ROSENBERG, Fernando. Derechos humanos, comisiones de la verdad y nuevas ficciones globales. *Cuadernos de Literatura*, Vol. XVIII N° 36, p. 141-165, Julio-Diciembre 2014.